

12

Ensino Médico em Geriatria e Gerontologia



Siulmara Cristina Galera e Elisa Franco de Assis Costa

O envelhecimento populacional é atualmente um importante fenômeno no contexto nacional, estando acompanhado por transformações epidemiológicas e sociais. A dinâmica da população brasileira caminha para diminuição da população geral e um superenvelhecimento populacional. Observa-se ainda no Brasil redução da participação da população jovem, fato que será acentuado nas décadas de 2020 a 2040, e aumento contínuo e acelerado da participação da população idosa (Camarano, 2014).

As consequências do envelhecimento populacional na área da saúde são muito relevantes, pois além da transição demográfica, ocorre transição epidemiológica em que há mudanças dos padrões de morbidade, invalidez e morte de uma determinada população. Ocorre redução das doenças infectoparasitárias e aumento das doenças crônico-degenerativas, bem como maior necessidade dos serviços de saúde e, conseqüentemente, aumento dos gastos com a saúde (Veras, 2003; Chaymowicz, 2013; Camarano, 2014).

Palloni *et al.* (2002) já alertavam para o problema de que na América Latina as doenças transmissíveis persistiriam com as doenças não transmissíveis, levando a sobrecarga maior do sistema de saúde de países em desenvolvimento, fato que alguns autores denominam de “dupla carga de doenças”. A situação é agravada, no momento atual, pela associação das causas externas e temos a denominada “tripla carga de doenças” (Palloni *et al.*, 2002; Cano *et al.*, 2005; Mendes, 2010).

O rápido envelhecimento populacional define a urgência em formar médicos qualificados para as especificidades do idoso. As doenças nos idosos se agrupam em quadros sindrômicos próprios, as denominadas “síndromes geriátricas”, que necessitam de uma estrutura assistencial de saúde peculiar para reestabelecer ou preservar a saúde e a autonomia (Cano *et al.*, 2005; Pereira *et al.*, 2010).

Médicos de diversas áreas cada vez mais atenderão idosos na sua atividade diária. Resultado de pesquisa realizada nos EUA em nove sociedades de especialidades mostrou que 30 a 60% dos pacientes atendidos tinham 65 anos ou mais. Outro levantamento no mesmo país mostrou que 45% das consultas de idosos foram realizadas por médicos clínicos e de família (Mold e Green, 2003; Sonu *et al.*, 2006).

Como bem ressaltou Komatsu, em 2013, não podemos contar apenas com a formação de especialistas em Geriatria para atender ao idoso na proporção que o Brasil necessita; temos que formar, além do especialista, profissionais da área de saúde sensibilizados para a questão do envelhecimento (Liang, 2013).

Preparar profissionais de saúde capazes de identificar as particularidades dos idosos deve ser uma prioridade para o sistema educacional dos países em desenvolvimento. A maioria dos egressos dos cursos de Medicina irá atender a idosos, reforçando a necessidade de conhecimento específico para um atendimento com qualidade (Costa *et al.*, 2003).